

## **Considerações acerca da análise de rede social de um casal da elite do charque: Vila de São Francisco de Paula de Pelotas, 1824-1835.**

Carla Menegat / UFRGS - CNPQ

**Resumo:** Analisando documentos paroquiais, inventários e livros notariais busca-se evidenciar de forma breve algumas das estratégias utilizadas entre uma determinada rede familiar para garantir a ampliação e manutenção de seu espaço social e econômico. Iniciando pela trajetória de dois personagens – um casal, Domingos José de Almeida e Bernardina Rodrigues Barcellos – as indagações conduzem às perspectivas enunciadas através de uma breve quantificação, reconduzida por alguns casos específicos, que revelam matizes no uso estratégico do compadrio, do matrimônio e no trânsito de recursos materiais entre indivíduos ligados por laços de parentesco. A origem geográfica comum, açoriana, surge como parte do conjunto de elementos que determinam as peculiaridades dessa rede familiar localizada na Pelotas do início do Século XIX, e que tem como centro de análise a família Rodrigues Barcellos.

**Palavras-Chave:** Estratégia – Família – Elite.

### **1 O povoado de Pelotas: “vem a ser o centro de todo o comércio deste grande espaço que elas circundam”<sup>1</sup>.**

Em 1812 por alvará do príncipe regente – confirmado canonicamente pelo Bispo do Rio de Janeiro – desmembrada da igreja do Rio Grande, surgia a Freguesia de São Francisco de Paula próxima ao Arroio Pelotas e às suas charqueadas. Mas a pequena igreja que determinaria o núcleo central da povoação só iniciaria suas obras em 1814 e é deste momento em diante que conta Antônio José Gonçalves Chaves a fundação, no que ele denominou de “ermo”. Depois de oito anos, seria possível a Gonçalves Chaves indicar 37 casas de comércio, 22 “fábricas de carnes” – sendo que desses estabelecimentos derivava então a maior riqueza, estabilidade e povoação – e 217 casas dentro do povoado, ressaltando que as três léguas quadradas de superfície da freguesia tinham a posição geográfica das mais vantajosas da província<sup>2</sup>.

Segundo os dados do censo de 1814, a povoação contava com 2.419 habitantes – sendo quase 51% de escravos e menos de 30% de brancos – não chegando a ter 4% da população da

---

<sup>1</sup> CHAVES, Antônio José Gonçalves. *Memórias ecônomo-políticas sobre a administração pública do Brasil*. 4ª ed. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2004. p. 178.

<sup>2</sup> Idem. p. 217-219.

2

Província<sup>3</sup>. Mas as dimensões não impediram que nas primeiras quatro décadas do século XIX os viajantes repetissem sem cessar que a povoação era próspera e que crescia rapidamente<sup>4</sup>. A dimensão dos valores apresentados nas *Memórias econômico-políticas* também surpreende, ao estimar em 1309:800\$000 toda a riqueza existente na povoação<sup>5</sup>. Mais interessante ainda é o dado em que o autor estima os valores das casas da povoação: o valor total das 217 contadas é de 342:500\$000, porém, 37 delas conjuntamente correspondem a 47% (162:500\$000) deste montante. A indicação de concentração de riqueza nos dá pistas sobre os notáveis senhores que alguns viajantes citarão<sup>6</sup>, mesmo assim, ao se considerar a efetiva ocupação como recente para o momento da publicação, podemos entender em parte o espanto dos viajantes relatado pelo autor.

A afirmação de Antônio José Gonçalves Chaves demonstra em parte o que pode ter levado Domingos José de Almeida a decidir se estabelecer na povoação. A produção do charque trazia prosperidade ao povoado, indicando-o como um pólo atrativo. Segundo Saint-Hilaire

[...] algumas famílias do Rio Grande mudaram-se para aqui e é crível que daqui a pouco tempo esta aldeia será acrescida de um grande número de novos habitantes, atraídos pela posição favorável da população, pela beleza da região e riqueza dos que se acham aqui estabelecidos.<sup>7</sup>

Dentre as famílias elencadas como provindas do Rio Grande, estão os Rodrigues Barcellos, de quem trataremos no próximo tópico.

## 2.2 Os Rodrigues Barcellos e o investimento em um espaço para ser elite.

<sup>3</sup> FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul – Censos do RS 1803-1950*. Porto Alegre: FEE/Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, 1981. p.50.

<sup>4</sup> Pelo menos oito relatos de contemporâneos podem ser apurados para período: John Luccock, José Caetano da Silva Coutinho, Francisco de Paula Azeredo, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Seidler, Arsène Isabelle, Jean Baptiste Debret e Nicolau Dreys. MAGALHÃES, Mário Osório. *Pelotas: Toda a Prosa*. Vol1. Pelotas: Armazém Literário, 2000. p.8.

<sup>5</sup> CHAVES, Antônio José Gonçalves, Op. cit. p. 218.

<sup>6</sup> Ver: COUTINHO, Dom José da Silva. “Diário de Viagem”. (inédito). Transcrito em RUBEM NEIS, “Pelotas em 1815”. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 8, jul, 1972. Caderno de Sábado. SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Viagem ao Rio grande do Sul*. 2ª edição. Tradução de Leonam de Azeredo Pena. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. AZEREDO, Francisco de Paula. “Em trânsito pelo Rio Grande do Sul em 1816 (notas de viagem)”. *Província de São Pedro*, nº21. Porto Alegre: Editora Globo, 1957. DREYS, Nicolau. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Rio de Janeiro: J. Villneuve &Comp., 1839.

<sup>7</sup> SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Viagem ao Rio grande do Sul*. 2ª edição. Tradução de Leonam de Azeredo Pena. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. p.130.

Talvez essa privilegiada posição geográfica tenha sido um dos atrativos que levaram os Rodrigues Barcellos a se fixarem nas margens do Arroio Pelotas. O ano de 1814 marca o início do negócio de charqueadas para os irmãos Bernardino, Inácio, Cipriano e Boaventura, e o abandono para Luís – que passaria a residir em Bagé. Este último vendeu aos três primeiros as suas terras e realizou uma nova migração, a terceira, já que todos os irmãos eram naturais de Viamão – seus pais eram açorianos – e até a chegada à São Francisco de Paula, residiam em Rio Grande, Piratini ou Jaguarão<sup>8</sup>.

De todos os irmãos Boaventura foi o que acumulou maior patrimônio. Ao fim da vida, era comendador, havia contraído matrimônio duas vezes e o montante de seu inventário estava avaliado em 182:617\$178 réis<sup>9</sup>. Fora além de charqueador, prestamista e compôs a Câmara da Vila por pelo menos cinco legislaturas. Na lista de dívidas ativas de seu inventário constam vários notáveis locais, e durante a Revolução Farroupilha, mesmo ficando ao lado dos Imperiais socorreu muitos farrapos, como Domingos José de Almeida e o próprio Bento Gonçalves, o que denota que os laços políticos podiam ser suplantados por outros graus de relação<sup>10</sup>. Mas falaremos disso logo mais, sigamos apresentando os primeiros Rodrigues Barcellos de Pelotas.

Inácio residira em Piratini, onde havia se casado com Emerenciana Manuela Teixeira com quem tinha 12 filhos. Tinha charqueada contígua a de Boaventura, no Areal. Chegaram a ter uma contenda por conta da marcação dos limites das terras em 1815. Aliás, a marcação de terras seria solicitada novamente pelos herdeiros em 1874, denotando o problema dos limites naturais utilizados, mas neste momento parte das terras contíguas já pertencia aos herdeiros de Antônio José Gonçalves Chaves<sup>11</sup>. A contigüidade das terras dos Rodrigues Barcellos fazia de Cipriano vizinho de Inácio e ao mesmo tempo de Bernardino. Os registros encontrados dão

---

<sup>8</sup> GUTIERREZ, Ester J. B. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001. p. 125. Ver também : NEVES, Ilka. *Adélia da Câmara Barcellos: genealogia e história*. Pelotas: EdUFPEL, 1997.

<sup>9</sup> APERS. Inventário de Boaventura Rodrigues Barcellos. Pelotas, nº 409, M. 28. Cartório de Órfãos e Provedoria, 1856.

<sup>10</sup> AHRGS. *Anais. Volume 2. Coleção Varela*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1978-1979. CV- 164. p. 134.

<sup>11</sup> GUTIERREZ, Ester J. B, op. cit., p. 125, 137.

4

conta de que além das duas propriedades que possuía na Costa do Pelotas, tinha recebido uma Comenda Imperial<sup>12</sup>.

Cipriano é de quem menos se sabe: além de possuir a charqueada contígua à de Inácio, teve duas filhas batizadas em Pelotas e foi casado com Rita Bernarda da Silva. E por fim, Bernardino, com suas duas propriedades e seus muitos filhos – oito constam do inventário, mas houveram outros 5, que não sobreviveram aos pais e não deixaram herdeiros – como todos era charqueador.

Encontramos ainda outros três irmãos Rodrigues Barcellos em Pelotas, através dos registros paroquiais: Manoel, casado com Micaela Rodrigues da Silva; João, casado com Maria Joaquina de Lima; e Anna, casada com Serafim dos Santos Robalo<sup>13</sup>. Posteriormente, nos registros notariais descobrimos que José Rodrigues Barcellos, casado com Dona Anna Bernarda da Cunha, era dignatário Guarda Roupas do Imperador. Joaquim, faleceu no Povo Novo, o que nos leva a crer que tenha se mantido em tal localidade enquanto os irmãos se dirigiram para Pelotas. Há ainda Simeana Barcellos de Lima, casada com seu primo materno Boaventura Inácio de Barcellos.

Neste momento cabe perguntar o que torna tão interessantes os Rodrigues Barcellos<sup>14</sup> e em que eles ajudam a compreender a Pelotas que Domingos José de Almeida encontrou ao chegar. Não apenas o fato de ser Bernardino Rodrigues Barcellos sogro de Domingos trouxe a família como evidência, antes de mais nada esse foi o motivo do encontro com estes personagens. É possível através do cruzamento de registros paroquiais com os inventários post-mortem perceber três aspectos diferentes das relações e isso, basicamente, partindo de uma mesma questão: o que além de irmãos foram esses indivíduos uns para os outros.

---

<sup>12</sup> É referenciado como comendador ao se nomearem as terras de sua propriedade como limítrofes ao menos no seguinte inventário. APERS. Inventário de Inácio Rodrigues Barcellos. Pelotas, nº 55, M. 36. Cartório de Órfãos e Provedoria, 1863.

<sup>13</sup> MITRA DIOCESANA DE PELOTAS. Livros de batismo nº1, 2, 3 e 4 da Igreja Matriz São Francisco de Paula.

<sup>14</sup> « Os homens mais ricos desta freguesia que tem fama de riqueza são Domingos de Castro Antqueira, Domingos Rodrigues, Antônio Francisco dos Anjos – o Fragatinha – , o capitão José Tomas, Manuel Alves Morais, José Pinto e Companhia, Antônio Gonçalves Chaves e Companhia do Secco, *Cipriano Rodrigues e mais companheiros Barcellos*, Agostinho Nunes e Companhia.” No testemunho de um viajante do período, entre o nome dos notáveis pela riqueza, encontramos já a presença dos Rodrigues Barcellos, aqui identificados em conjunto, o que pode ser um indício interessante no que tange à uma possível associação familiar nos negócios. COUTINHO, Dom José da Silva. “Diário de Viagem”. (inédito). Transcrito em RUBEM NEIS, “Pelotas em 1815”. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 8, jul, 1972. Caderno de Sábado.

5

O primeiro aspecto se mostra na escolha dos padrinhos dos filhos deles. Observando registros de batismo da Matriz de São Francisco de Paula entre os anos de 1812 à 1834, pode-se contar 542 apontamentos onde surgem os irmãos Rodrigues Barcellos, seus cônjuges – na imensa maioria das vezes acompanhando-os – ou seus filhos. Desse total, apenas 62 são registros de nascimento de novos membros da família – 55 filhos e sete netos. Nos demais 480, os irmãos Rodrigues Barcellos, seus filhos e em raras ocasiões, seus cônjuges desacompanhados, são padrinhos de novos habitantes da freguesia.

Dentre os 62 registros de nascimento dos rebentos Rodrigues Barcellos, 27 tem como padrinhos algum membro dessa família, e em 13 os compadres foram escolhidos na família do cônjuge. Obviamente os resultados dimensionam um momento, não podemos avaliar se anteriormente não houve outras opções e o quanto influenciaram as que conseguimos delinear<sup>15</sup>. Podemos, contudo afirmar que mesmo havendo a possibilidade de estabelecer laços tão sólidos como os do compadrio com indivíduos que não compartilhavam os laços sanguíneos a percepção da necessidade de reforçar estes últimos foi privilegiada.

Mas essa não foi uma estratégia uniforme entre os irmãos Rodrigues Barcelos. Inácio se tornou compadre de nenhum de seus irmãos charqueadores desde a chegada à Pelotas, de fato, teve apenas uma afilhada, a segunda filha de sua irmã Simeana, o que pode denotar um afastamento, uma forma de marginalização da rede familiar. Por sua vez, Boaventura também não convidou nenhum de seus irmãos para ser padrinho de seus filhos, mas foi padrinho de mais de um filho de Bernardino, de Manoel, de Simeana<sup>16</sup> e da filha de Anna<sup>17</sup>. Essa demonstração de uma relação desigual entre os irmãos, pode ser decorrente de seu sucesso financeiro ou de uma opção por ampliar as relações para além das já estabelecidas pela consangüinidade.

A opção por reforçar o parentesco através do compadrio pode ser dimensionada em suas diferentes matizes avaliando alguns casos.

---

<sup>15</sup> Há dados do período anterior à chegada dos Rodrigues Barcellos à Pelotas que corroboram as conclusões aqui apresentadas como padrões aplicados desde antes. Porém, por não estabelecerem uma série, se encontrando difusos geográfica e temporalmente, observamos por bem não utilizá-los na análise, dada a impossibilidade de verificação dentro de um quadro mais amplo como foi possível com os dados aqui apresentados. Para ter acesso aos dados anteriores: NEVES, Ilka. *Adélia da Câmara Barcellos: genealogia e história*. Pelotas: EdUFPEL, 1997. p. 269-361.

<sup>16</sup> MITRA DIOCESANA DE PELOTAS. Livros de batismo nº1, 2, 3 e 4 da Igreja Matriz São Francisco de Paula.

<sup>17</sup> APERS. Inventário de Boaventura Rodrigues Barcellos. Pelotas, nº 409, M. 28. Cartório de Órfãos e Provedoria, 1856.

6

João Rodrigues Barcellos teve oito filhos entre os anos de 1813 e 1826. O primeiro, não nomeado no seu registro, teve como padrinhos Cipriano e Simeana. João, o segundo filho, teve como madrinha Rita Bernarda da Silva, esposa de Cipriano. Francisca era afilhada de Boaventura e Simiana – nesse caso o registro não deixa claro se é a irmã ou a filha de Boaventura, que tinham o mesmo nome<sup>18</sup>. A quarta criança teve como madrinha sua prima Bernardina – que lhe deu o nome. Cipriano e sua filha Cipriana, apadrinharam a sexta filha, também chamada Cipriana. Provavelmente em uma tentativa de reaproximar os filhos de Inácio, Eleutério e Delfina receberam Francisca como afilhada. Por fim, Simeana, a oitava da prole nesse período teve como padrinhos Boaventura e sua segunda esposa Silvana Eulália de Azevedo. Apenas Angélica propiciou a seus pais compadres que não fossem parentes sanguíneos<sup>19</sup>.

Curiosamente João não faz parte do grupo que dentre os irmãos se ocupa nas charqueadas e, através disso sua escolha por direta ou indiretamente se ligar a cada um destes se faz tão evidente ao observarmos os eleitos como compadres. É possível que mesmo com o irmão mais afastado, Inácio, fosse vantajoso estar unido de alguma forma, e se não imediatamente, ao menos com seus herdeiros, demonstrando algum grau de instabilidade destes mecanismos. As relações com os herdeiros de Inácio poderiam significar uma espécie de fundo de reserva para alguma situação de crise com os demais irmãos.

Essa necessidade de ampliar as possibilidades pode ser medida na vontade de estabelecer laços entre duas redes familiares. O matrimônio pode ser encarado como um dos mecanismos onde tais interesses melhor são atendidos. Porém, o reforço dessa “união”, ampliando o que poderia ser apenas um ponto de contato para um entrelaçamento de duas malhas distintas, poderia ser construído através do compadrio. Boaventura Francisco Torma, cunhado de Bernardino empregou esse recurso entre 1817 e 1821 em três ocasiões<sup>20</sup>, tornando-se compadre de Luís Rodrigues Barcellos, Inácio e sua esposa Emerenciana e de seu cunhado,

---

<sup>18</sup> Para uma discussão dos homônimos e dos usos do nome em geral: HAMEISTER, Martha Daisson. *Para dar calor à nova povoação: Estudo sobre Estratégias Sociais e Familiares a partir dos Registros Batismais da Vila do Rio Grande*. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em História Social/UFRJ, 2006. (tese de doutorado) p. 82-132.

<sup>19</sup> MITRA DIOCESANA DE PELOTAS. Livros de batismo nº1 e 2 da Igreja Matriz São Francisco de Paula.

<sup>20</sup> MITRA DIOCESANA DE PELOTAS. Livro de batismo nº1 da Igreja Matriz São Francisco de Paula.

7

acompanhado na tarefa por Nossa Senhora. Não apenas solidificou o elo que o matrimônio de sua irmã havia estabelecido como o ampliou com outros dois membros da família.

Uma outra expressão desse quadro pode ser observada no casamento e prole de Boaventura Inácio Rodrigues com Simeana Rodrigues Barcellos. Os dois primeiros filhos do casal, nascidos em 1818 e em 1820 tiveram respectivamente como padrinhos Bernardino juntamente com sua esposa e Inácio acompanhado da sobrinha Bernardina. Oito anos depois, nasceu o terceiro filho do casal, e o padrinho escolhido foi Domingos José de Almeida, então já casado com Bernardina. O compadrio nesse caso pode ter sido a forma que Simeana e seu marido encontraram de usufruir dos benefícios de uma rede familiar extensa em número mas concentrada numa área geográfica diminuta, não dispondo dos mesmos recursos que os demais<sup>21</sup>.

E para explicar por que este casal em particular não dispunha desses recursos em tal momento, podemos avaliar o segundo aspecto que torna os Rodrigues Barcellos tão interessantes: aos matrimônios que estes homens e seus filhos e filhas contraíram.

Boaventura Inácio Barcellos, filho de um casal de ilhéus, nasceu em Porto Alegre. Seu laço de parentesco com a esposa, o colocava como parte afastada desta rede até o casamento, se considerarmos que seus irmãos permaneceram em Viamão, tornando-o um indivíduo em desvantagem dentro do contexto local – por ser primo materno de sua esposa, a rede era compartilhada, não possuía o recurso de uma rede exclusiva – o que pode tê-lo voltado para os parentes colaterais de sua esposa como um conjunto de relações que exigiam uma consolidação que tão somente o matrimônio não poderia garantir. A impossibilidade de recorrer à outra rede familiar – de forma imediata – que não aquela colocava o casal em desvantagem em relação aos demais, e os expunha sobremaneira às possíveis exigências parciais em casos de disputa internas. Uma posição que poderia se tornar incômoda, que exigia ser ao menos remediada em curto prazo e dissolvida com o passar dos anos.

Ao mesmo tempo, o que numa situação imediata constituía desvantagem, pode ser pensado como recurso à longo prazo. O casamento consanguíneo num caso destes, onde há uma distância geográfica envolvida, acaba por expressar uma possibilidade de reaproximação com ramos afastados do tronco parental. A possibilidade de reaccessar contatos distanciados,

---

<sup>21</sup> MITRA DIOCESANA DE PELOTAS. Livros de batismo nº1 e 2 da Igreja Matriz São Francisco de Paula.

8

permitindo que antigas redes mantenham pontos de ligação, um recurso dos mais importantes em casos de instabilidade, como poderemos ver no próximo capítulo.

Em outro ponto da rede é possível perceber, que o casamento de Ana Luiza Barcellos de Lima e Serafim dos Santos Roballo, natural do Rio Pardo, participa de um padrão de recrutamento de indivíduos externos a rede familiar: as mulheres nascidas entre os Rodrigues Barcellos da primeira e segunda geração estabelecida na freguesia de São Francisco de Paula casaram-se, em sua grande parte – não a maioria – , com homens nascidos em outros pontos da colônia e que estavam desprovidos de laços familiares próximos naquele espaço geográfico. Pode-se dimensionar o quanto era vantajoso um casamento entre uma família que possuía um núcleo de charqueadores entremeado por pessoas inseridas em outras atividades. Por outro lado, interessava a esse grupo, bastante definido por laços sanguíneos e por uma atividade econômica que ocupava parte significativa de seus integrantes, ampliar as possibilidades de inserção em outros espaços, mediadas por agentes não absolutamente imersos num contexto local, mas providos de uma bagagem de contatos externos.

Um desses indivíduos externos certamente foi Domingos José de Almeida. Sua experiência como caixeiro no Rio de Janeiro<sup>22</sup>, a atividade de comércio de grosso trato que desenvolveu a partir de sua chegada à freguesia – era comerciante de tecidos – e seus contatos políticos podem ter se mostrado como extremamente atraentes. Não há sugestão de uma racionalidade completa nessa constatação, até por que isso excluiria a possibilidade de escolha, e certamente Bernardina não era a única moça casadoira em tal momento – o mesmo sendo válido para Domingos como pretendente – , e talvez nem fosse a que propiciasse as melhores conveniências, mas é impossível não reconhecer a existências das mesmas e que a probabilidade de que tenham atendido os interesses em pauta é imensa.

Quando apreciamos o viés masculino da questão, as evidências apontam num sentido contrário. Os casamentos dos varões dos Rodrigues Barcellos buscavam justamente a fixação de interesses locais e a solidificação de alianças com seus pares próximos. As segundas núpcias de Boaventura Rodrigues Barcellos são exemplo dessa perspectiva. Ao escolher sua vizinha Silvana Eulália de Azevedo e Souza, provavelmente o Comendador não tinha em vistas a ampliação de seus laços para um patamar além do local. Em realidade, esse casamento apenas ampliava os vínculos estabelecidos com o casamento de suas filhas Maria Amália e

---

<sup>22</sup> LESSA, Barbosa. *Domingos José de Almeida*. Porto Alegre: Tchê/RBS, 1985. p. 12.



9

Clara, com os irmãos Luís e José de Azevedo e Souza<sup>23</sup>. Sua posição de viúvo e Comendador poderiam lhe servir o suficiente para que não necessitasse de vínculos mais distantes, porém as possibilidades que podemos aventar advindas de um casamento com a herdeira de uma propriedade contígua às sua se tornam impossíveis de ignorar. Ainda, precisamos precisar a posição do Comendador dentro da malha de relações dos Rodrigues Barcellos entre si.

Como explicitado anteriormente, Boaventura ocupava um espaço privilegiado a ponto de se tornar compadre de seus irmãos, padrinho de seus filhos, por iniciativa destes e não o contrário. Seus vínculos sanguíneos eram reforçados, sem uma necessidade de despender recursos dessa ordem para a manutenção do arranjo que lhe dava espaço privilegiado. Provavelmente os recursos que lhe eram exigidos eram de outra ordem, e com isso chegamos ao último ponto de interesse nos Rodrigues Barcellos: o trânsito de recursos financeiros dentro dessa rede familiar.

A longa lista de dívidas ativas no inventário de Boaventura Rodrigues Barcellos<sup>24</sup> traz nove parentes como devedores: o marido de sua sobrinha, Domingos José de Almeida; o parente de sua esposa, Heliodoro de Azevedo e Souza; o filho Boaventura da Silva Barcellos; o cunhado Boaventura Inácio Barcellos; e seus irmãos Comendador Cipriano, Inácio, Luiz, João e Bernardino. A dívida deste último não impressiona pelo valor de 898\$320 réis, mas localizado o documento<sup>25</sup> que deu origem a ela, a constatação do período de seu surgimento chama a atenção. Uma lista de valores monetários, utensílios agrícolas, material de construção e mão de obra escrava negociada entre 1830 e 1833, entre as propriedades de ambos os irmãos, denota que a vizinhança entre as duas charqueadas propiciava não apenas a proximidade das famílias, mas um fluxo de recursos entre elas, ao menos em alguns períodos.

O interessante é que os valores descritos estão colocados como negociados entre os dois proprietários, mas não há indicação do emprego de juros, mesmo que o prazo entre a contração da dívida e sua quitação seja de mais de vinte e cinco anos. O fato de que o fluxo seja em duplo sentido, mesmo que desigual, pode ser a explicação para a manutenção dos valores. Boaventura cedeu muito mais que Bernardino, tanto que o que proveu este último

---

<sup>23</sup> Inventário de Boaventura Rodrigues Barcellos. Pelotas, nº 409, M. 28. Cartório de Órfãos e Provedoria, 1856.

<sup>24</sup> Inventário de Boaventura Rodrigues Barcellos. Pelotas, nº 409, M. 28. Cartório de Órfãos e Provedoria, 1856.

<sup>25</sup> Inventário de Bernardino Rodrigues Barcellos. Pelotas, nº 430, M. 29. Cartório de Órfãos e Provedoria, 1857.

10

consta como dedução ao fim do documento. Provavelmente a complementaridade causada pela diversificação da produção entre as duas propriedades também tivesse um peso fundamental no equilíbrio dessa relação, guardadas as proporções.

Bernardino possuía uma olaria, mas seus escravos provavelmente não possuíam especializações necessárias, por exemplo, à manutenção das benfeitorias. Seu irmão possuía essa mão de obra, e negociando de forma privilegiada, poderia não apenas fixar o preço, como garantir que um recurso com capacidade ociosa fosse bem utilizado. O mesmo acontecia com a compra de gado, negociado em quantidades maiores permitiria um preço mais competitivo e Boaventura possuía o capital necessário. Também deste capital se necessitava para a compra de ferrarias e todo o sortimentos de equipamentos agrícolas. Apesar de desigual, o fluxo existiu ao menos no momento datado pelas contas apresentadas pela viúva Silvana Eulália, mas é provável que Bernardino seja apenas mais um dos irmãos que usufruindo da contigüidade entre suas propriedade tenha se valido dessas possibilidades.

Um outro aspecto neste processo de trânsito de recursos entre membros deste núcleo parental tem de ser analisado. Há um padrão no que tange aos inventários *post-mortem* analisados. E em especial o inventário de Bernardino Rodrigues Barcellos pode nos ser exemplar do padrão que aqui vamos avaliar. Ao se proceder à descrição dos bens – de diferentes espécies – a localização de alguns, especialmente escravos, está declarada como em posse de diferentes herdeiros. Neste sentido, o formato da fonte é inegavelmente fundamental para compreendermos a relevância do dado. A necessidade de proceder à avaliação exige que os herdeiros, ou seus representantes legais, apontem qual o destino dado aos bens declarados.

Domingos José de Almeida, representando seus filhos menores no inventário de seu sogro, irá declarar que os escravos de propriedade do mesmo, em sua posse desde o casamento com a falecida esposa, não podem ser avaliados, dado que por serem escravos de casa, já bastante velhos, foram trocados por outros que fossem capazes de executar as tarefas necessárias<sup>26</sup>. Impossíveis de serem avaliados em dada situação, não serão descontados da legítima a que teria direito Bernardina.

Mas este não seria o único caso, todos os filhos ao casarem levaram consigo escravos, peças de uso doméstico – móveis, roupa ou prataria – que serão arrolados no inventário do pai. Em grande parte, as peças de uso doméstico serão declaradas como gastas pelo uso,

---

<sup>26</sup> Inventário de Bernardino Rodrigues Barcellos. Pelotas, nº 430, M. 29. Cartório de Órfãos e Provedoria, 1857.

11

impossíveis de serem avaliadas e, portanto, não serão descontadas da legítima. Os escravos, mesmo quando podem ser avaliados, o são pelo valor que tem no momento do inventário, e não pelo valor que tiveram quando do casamento. Por certo os filhos que casaram primeiro foram beneficiados por tal artifício.

Buscando os registros notariais<sup>27</sup> não foi encontrado qualquer indício de tal procedimento, nem o caracterizando como dote para as mulheres e nem como adiantamento da legítima para os varões. Este procedimento pode ser verificado nos demais inventários *post-mortem* analisados, em diferentes proporções.

Dois fatores podem contribuir para o uso de tal artifício. O primeiro se localiza na necessidade de não dividir o patrimônio fundiário. A charqueada é um empreendimento que exige determinadas dimensões, a terra não valendo apenas por si, mas pela empresa nela contida, estabelecida desde uma proporção espacial<sup>28</sup>. O outro bem que não podia ser repartido, já que dele também dependia o funcionamento da charqueada era a escravaria. Poderia até constituir em valor venal, mas pode-se avaliar que retirado este valor da produção, seria o mesmo que inviabilizar a empresa do charque.

O segundo fator colocado é a manutenção da empresa como familiar. Mesmo casando, os filhos ao usufruírem de bens ainda em propriedade dos pais estreitam os laços. Assim, o usufruto dos bens sem a posse legal, acaba por conectar os negócios dos pais ao dos filhos e seus cônjuges, e também conectar os negócios entre irmãos. Numa perspectiva de insegurança econômica, esta rede solidária que entrelaça família e propriedade permite mais chances de sobrevivência.

Neste sentido encontramos aqui um dos aspectos mais importantes da percepção da família como vetor da reprodução social. As redes solidárias constituídas por mecanismos como os aqui elencados nos permitem vislumbrar que “a família tradicional era muito mais uma unidade produtiva e reprodutora de que uma unidade emocional. Era um mecanismo destinado a transmitir patrimônio e posição social de geração em geração”<sup>29</sup>.

---

<sup>27</sup> 1º Tabelionato de Pelotas. Registros Notariais Ordinários. Livros 1-13. Registros Notariais Extraordinários. Livros 1-7. Procurações. Livro 1.

<sup>28</sup> 2º Tabelionato de Pelotas. Registros Notariais Ordinários. Livros 1-11. Registros Notariais Extraordinários. Livros 1-5.

<sup>28</sup> GUTIERREZ, Ester J. B, op. cit., 187.

<sup>29</sup> SHORTER, Edward. *A formação da família moderna*. Lisboa: Editora Terramar, 1995. p. 11

Mas especificamente este modelo de transmissão patrimonial tem origens bastante precisas. Maria Norberta Amorim ao analisar a Vila das Lages do Pico, nos Açores, encontra tal estratégia sendo empregada, não isoladamente, pelos pequenos proprietários agrícolas<sup>30</sup> durante o século XIX. É possível crer que tais procedimentos fossem utilizados um século antes, quando o avó de Bernardino emigrou da mesma Ilha do Pico para este lado do Atlântico. Ainda há de se considerar a influência que a instituição do morgadio tem sobre a percepção da indivisibilidade da propriedade.

Outro fator deve ser considerado dentre os legados imateriais dos açorianos das Lages do Pico. Há uma tradição de casamento tardio naquela população. A média de idade que conseguimos constatar entre os Rodrigues Barcellos – 19 anos – pode indicar a possibilidade de que assim como os conterrâneos de seus antepassados, o casamento tardio esteja associado a uma estratégia de manutenção de centralização do patrimônio, buscando com isso aumentar os recursos monetários na eventualidade do dote se fazer imprescindível. Há ainda outros fatores que fazem vantajoso o casamento tardio: a diminuição da quantidade de filhos – os índices de natalidade são altíssimos entre os açorianos, mas significativamente diminuídos nas Lajes do Pico –, a possibilidade de recusa do dote, ou mesmo da morte dos pais.

No caso do Rio Grande do Sul, tal fenômeno sempre foi atribuído exclusivamente a um mercado matrimonial desigual, com muito mais homens que mulheres. Apesar de não termos estudos que permitam dimensionar numericamente a veracidade de tal argumento, Bernard Schöter estabelece para a Banda Oriental dados bastante precisos<sup>31</sup>, indicando esta discrepância. Mas podemos avaliar a possibilidade de um uso estratégico de tal instrumento.

Muito para além de esses paralelos entre Lajes do Pico e Pelotas tentarem estabelecer uma identidade direta de açorianos aos Rodrigues Barcellos, eles revelam a permanência de um modelo heterogêneo, não identificado nem em outros grupos sociais, nem em outras localidades do arquipélago. Não é a identidade de açorianos que aqui está colocada, até por que os registros não indicam essa noção de pertencimento, mas uma continuidade de prática

---

<sup>30</sup> AMORIM, Maria Norberta. “Reprodução Biológica e reprodução social: Comportamentos diferenciais oitocentistas nas Lajes do Pico”. IN: *Revista de Demografia Histórica*. Saragoça: XII-I, segunda época, 2004. p. 69.

<sup>31</sup> SCHRÖTER, Bernard. Acerca de la posición de la mujer en el contexto del matrimonio en una región fronteriza de la América Hispánica a fines del período colonial. Resultados y desiderada. In: *Cuadernos AHILA*. Madrid/Berlim; Iberoamericana-Vervuert, n. 04, 1996. p. 74.

13

social, baseada na efetividade de seus resultados. É antes de mais nada um reconhecimento pragmático, e não uma identidade<sup>32</sup>.

Através destes mecanismos minimamente elencados, é possível visualizar as tramas constituídas entre indivíduos ligados pelo parentesco que permitiram que o maior número de charqueadas de Pelotas se concentrasse nas mãos dos Rodrigues Barcellos. Certamente não há sugestão de que este é um grupo coeso ou homogêneo, mas a percepção de que através de solidariedades articuladas esses indivíduos puderam se tornar notáveis locais e ascender a elite local, e isso só se tornou possível pela aposta – de forma algum ingênua, mas nem por isso plenamente racionalizada – na nascente freguesia de São Francisco de Paula de Pelotas.

### **Bibliografia:**

AMORIM, Maria Norberta. “Reprodução Biológica e reprodução social: Comportamentos diferenciais oitocentistas nas Lajes do Pico”. IN: *Revista de Demografia Histórica*. Saragoça: XII-I, segunda época, 2004.

AZEREDO, Francisco de Paula. “Em trânsito pelo Rio Grande do Sul em 1816 (notas de viagem)”. *Província de São Pedro*, nº21. Porto Alegre: Editora Globo, 1957.

CHAVES, Antônio José Gonçalves. *Memórias econômico-políticas sobre a administração pública do Brasil*. 4ª ed. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2004.

COUTINHO, Dom José da Silva. “Diário de Viagem”. (inédito). Transcrito em RUBEM NEIS, “Pelotas em 1815”. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 8, jul, 1972. Caderno de Sábado.

DREYS, Nicolau. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Rio de Janeiro: J. Villneuve &Comp., 1839.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul – Censos do RS 1803-1950*. Porto Alegre: FEE/Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, 1981. p.50.

GUTIERREZ, Ester J. B. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.

HAMEISTER, Martha Daisson. *Para dar calor à nova povoação: Estudo sobre Estratégias Sociais e Familiares a partir dos Registros Batismais da Vila do Rio Grande*. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em História Social/UFRJ, 2006. (tese de doutorado)

LESSA, Barbosa. *Domingos José de Almeida*. Porto Alegre: Tchê/RBS, 1985.

---

<sup>32</sup> Para uma discussão do “ser açoriano”: HAMEISTER, Martha Daisson. *Para dar calor à nova povoação: Estudo sobre Estratégias Sociais e Familiares a partir dos Registros Batismais da Vila do Rio Grande*. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em História Social/UFRJ, 2006. (tese de doutorado) p. 142-179.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Pelotas: Toda a Prosa*. Vol1. Pelotas: Armazém Literário, 2000.

NEVES, Ilka. *Adélia da Câmara Barcellos: genealogia e história*. Pelotas: EdUFPEL, 1997.

SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Viagem ao Rio grande do Sul*. 2ª edição. Tradução de Leonam de Azeredo Pena. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

SCHRÖTER, Bernard. Acerca de la posición de la mujer en el contexto del matrimonio en una región fronteriza de la América Hispánica a fines del período colonial. Resultados y desiderada. In: *Cuadernos AHILA*. Madrid/Berlin; Iberoamericana-Vervuert, n. 04, 1996.

SHORTER, Edward. *A formação da família moderna*. Lisboa: Editora Terramar, 1995.